

Futuro é sombrio para a educação

YARA MALHEIROS
Da Editoria Nacional

O uso da informática não falará na educação do ano 2.000, quando os instrumentos eletrônicos estarão ao alcance de todo o mundo. Velhos problemas, entretanto, ainda persistirão no Brasil, como um número grande de crianças e jovens fora da escola. Levando em conta a situação atual da educação brasileira, é possível prever que ainda haverá analfabetos no País. Estas conclusões são resultado de um trabalho realizado pelo professor universitário e técnico da secretaria de estatística do Ministério da Educação, Godeado Baquero Miguel.

Com base nos números registrados em 1984 sobre a demanda escolar, número de matrículas, taxas de escolarização, e número de alunos fora da escola, o professor Godeado realizou uma projeção da situação educacional brasileira para o ano 2.000. Os resultados não foram animadores.

Se as coisas continuarem como estão, ainda haverá crianças fora da escola no pré-escolar, 1º e 2º graus. A demanda para o ensino su-

pletivo será grande: 26 milhões de pessoas. Cerca de 2 milhões de brasileiros entre 18 e 29 anos serão analfabetos, mas será o 2º grau que enfrentará maiores problemas, com 12 milhões de alunos fora da escola. As projeções do técnico do MEC apontam uma população de 18 milhões de estudantes para o 2º grau, contra um número de matrículas de apenas 5 milhões. A taxa de escolarização atual para este ensino, de 14 por cento em 84, subirá para 29 por cento. Hoje, nos países desenvolvidos, a taxa de escolarização no 2º grau já é de 80 por cento.

No 1º grau haverá cerca de 2 milhões de crianças sem escola, contra um número registrado em 84 de 4 milhões de crianças entre 7 a 14 anos. A matrícula inicial crescerá de 20 milhões (número registrado em 1984) para 28 milhões, enquanto a taxa de escolarização passará de 82 por cento (taxa de 84) para 94 por cento. A demanda para o 1º grau, que em 84 era de 24 milhões de crianças, aumentará para 30 milhões de alunos no ano 2.000.

O pré-escolar também continuará sem atender a demanda de alunos, que

em 84 era de 8 milhões. Para o ano 2.000, o professor estima uma população de 5 milhões para este ensino, mas 3 milhões de crianças ainda estarão fora da pré-escola. A taxa de escolarização para o pré-escolar, contudo, tende a crescer bastante, e estará na ordem de 48 por cento. Em 84 a taxa registrada foi de 19 por cento.

SEM ESCOLA

O espaço físico da escola tende a desaparecer com a aproximação do ano 2.000. "Economicamente falando, será difícil construir novas unidades escolares para atender a demanda crescente de alunos nas zonas urbanas ou pagar os profissionais dedicados à educação", diz o professor.

Ele acha que a educação do futuro continuará também nas escolas, mas se desenvolverá, principalmente, nos lares, nos clubes e até nas ruas, com a introdução da informática como instrumento de ensino. O desafio que representa a informática educacional, segundo o professor, exige a curto prazo a formação de especialistas para o setor.